

Avença

PORTE
PAGO

O FORJANENSE

MENSÁRIO INFORMATIVO E REGIONALISTA

DIRECTOR: A. Luciano Fonseca Torres

SUB-DIRECTOR: Lino Azevedo Abreu

EDITORIAL

Este Jornal teve desde a sua fundação várias fases de crescimento. Na sua 1.ª Série era de tamanho mais pequeno que o actual, passou para o actual tamanho e manteve a periodicidade trimestral sendo distribuído de porta em porta, por um grupo de jovens voluntários, sem retribuição pecuniária. Em Julho de 1986 passou para mensal e passou a ser distribuído pelo Correio.

Sendo o seu lema ser um elo de ligação entre os Forjanenses foi chegando a muitos pontos do mundo onde há conterrâneos nossos ou amigos da nossa terra. De um número inferior a 500, nessa altura, ultrapassa neste momento um milhar de destinatários via postal e pode-se considerar que conseguiu o mais importante objectivo do seu lema.

A Associação proprietária de «O Forjanense» vai ter no próximo dia 2 de Março novos Corpos Directivos. A partir dessa data e por motivos de vária ordem cesso as minhas funções como Presidente da Associação e como Director deste Jornal. Neste «render da guarda» na ACARF tenho a consciência de missão cumprida e acho o momento oportuno para na minha sucessão se proceder, agora com outros meios, a algumas reestruturações.

Não quero deixar de salientar, nesta despedida do cargo de responsável pelas colunas de «O Forjanense», o trabalho dedicado dos companheiros fundadores José Albino Oliveira e Lino Azevedo Abreu que muito ajudaram para que se concretizasse este trabalho especialmente na fase inicial.

Deixo aqui expreso o meu agradecimento a todos os colaboradores e distingo de entre eles o Manuel António Torres Jaques, que de França pontualmente nos faz chegar as suas Palavras Cruzadas. O meu agradecimento especial vai também para Agostinho Caramelo, da Póvoa de Varzim e João da Silva, do Funchal, a quem pessoalmente não conheço, homens amigos das letras, que «descobriram» «O Forjanense» e regularmente nos têm dado a sua colaboração.

Ao pessoal do trabalho gráfico reconheço aqui um trabalho de óptima colaboração, sempre se mostraram disponíveis para a resolução de vários problemas que por vezes surgiram.

Por último, o meu agradecimento aos elementos da Associação e extra Associação que deram o seu contributo, com o seu trabalho, para a expedição, possibilitando assim a chegada do Jornal ao seu destino.

Luciano Torres

Edifício da Câmara Municipal vai ser ampliado

Foi assinado um contrato Programa entre a Câmara Municipal de Esposende e a Secretaria de Estado da Administração Local do Território para a ampliação do edifício dos Paços do Concelho.

Numa cerimónia em que esteve presente por parte do Governo o Secretário de Estado Nunes Liberato foi reconhecido pelo Presidente da Câmara Municipal de Esposende, Alberto Figueiredo, a necessidade de se melhorarem as condições de rentabilizar os diversos serviços e proporcionar aos municípios um melhor

atendimento por parte da Autarquia.

O Secretário de Estado salientou na sua intervenção a abertura que o Governo pôs ao dispôr das autarquias para a resolução de projectos sempre que eles se apresentem e sejam realistas.

Para a realização desta obra de ampliação do edifício da Câmara Municipal o Estado participa com uma verba de 55 mil contos prevendo-se a sua realização em três fases a começar em 1991 e a ser concluídas em 1993.

Para a história de Forjães

— Festa da árvore em Forjães

Por:
Manuel Albino Fernando Neiva

No dia 3 de Janeiro de 1909 realizou-se em Forjães a Festa da Árvore. Consistiu na plantação de uma árvore pelos alunos das Escolas e a expensas do sr. António Rodrigues Alves de Faria.

Na altura era interessante e foi louvada a acção de Rodrigues de Faria, pois era um acto que obrigava as crianças a olharem com outros olhos para a Natureza.

Era a 1.ª vez que se fazia uma festa destas no concelho de Esposende e fora trazida pelo Rodrigues de Faria das terras americanas — Brasil (1).

«Elas incitam e preparam o

espírito inculto das criancinhas para a prática do bem e da virtude; dão-lhes uma lição cívica e patriótica, e ensinam-lhes a respeitar e a venerar essas mudas companheiras e protectoras do homem — as árvores».

Normalmente promovia estas festas era a Liga Nacional da Instrução mas em Forjães foi Rodrigues de Faria o precursor.

Houve missa solene cantada pelos alunos da Escola que levavam bandeiras portuguesas e o estandarte da Escola.

No final da missa houve um cortejo até ao local onde ia ser plantada a árvore.

Tinha sido feito um quadrado em pedra e num dos lados, numa placa de mármore havia uma inscrição que dizia:

«Árvore de Forjães
Plantada pelos alunos das Escolas
Por iniciativa de António Rodrigues Alves de Faria».

Foi cantado o hino escolar, acompanhado de música e na presença do sr. Presidente da Câmara, Professores, Pároco, muitos convidados e povo da freguesia, sendo lido o Auto de plantação:

«Ano do Senhor 1909

Aos 3 dias do mês de Janeiro, com a assistência do Ex.º Sr. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Esposende, Bacharel João Gonçalves Pereira de Barros, dos Professores José Albino Alves de Faria e Albino da Silva Pilaverde, do Rev. Pároco António Gomes Torres e do Ex.º Sr. Francisco dos Santos Guimarães, como representante do benemérito filho desta terra António Rodrigues Alves de Faria, dos representantes da imprensa e de numerosos cavalheiros e muito povo, foi plantada esta faia pelos alunos das Escolas de Forjães, por iniciativa do supra mencionado A. Rodrigues Alves de Faria.

Finda a leitura foi dado para assinar por cerca de 40 pessoas presentes, encerrado num tubo de vidro e colocado no fundo do resguardo de pedra; procedendo de seguida as criancinhas à plantação da árvore.

De seguida o cortejo dirigiu-se para as escolas, com salões e janelas engalanadas e aí teve lugar uma sessão solene presidida pelo

(Continua na página 6)

Festejos Carnavalescos

A semelhança do que se passou um pouco por todo o lado, Forjães viveu o Carnaval de 1991 com muita alegria e imaginação.

Para além de alguns bailes organizados por grupos bairristas e por discotecas, houve desfiles carnavalescos organizados pelas escolas Pré-Primária, Escola Rodrigues de Faria e Escola C+S. As crianças da Pré-Primária mascararam-se, deram asas à sua imaginação e com muita alegria, festejaram o Carnaval na sua escola. A escola Primária Rodrigues de Faria organizou um desfile carnavalesco pelas ruas da Vila. As crianças fantasiaram-se umas como os seus heróis da T. V. e da Banda Desenhada, outras vestiram um fato do pai, calçaram uns sapatos da mãe e completaram a sua «toilette» com um chapéu do avô, que servia para esconder uma pistola de água. Foi desta forma que os professores e alunos viveram esta festa, mostrando a sua alegria. Por último, a escola C+S que organizou um curso carnavalesco pelas ruas da Vila. Inicialmente estava previsto um percurso, mas o mau tempo obrigou a alterações. Foi um trabalho preparado nas aulas de Educação Musical e Trabalhos Manuais, mas que contou com o apoio dos restantes professores.

O curso começava com um grupo de Zés Pereiras, chamando as pessoas à rua, depois não faltava nada: alusões à guerra do Golfo, ao Ano do Dragão, aos problemas do Meio Ambiente, à Industrialização, aos diferentes grupos sociais e até um funeral, onde se viam os familiares lamentando a perda do seu ente querido com grandes gritos.

Através destas manifestações culturais, o povo, esquece todos os seus problemas para deixar transparecer no rosto uma grande alegria e por outro lado, mantem viva uma tradição.

Festas de Santa Marinha Comissão prepara programa

Embora ainda não tenham sido feitos peditórios como é habitual já estão previstos alguns números para a realização das Festas de Santa Marinha do corrente ano. Sabe-se que o Cortejo de donativos já está a ser preparado e a actuação de um conjunto de música Rock também está agendado para angariação de receitas para a Festa. O executivo desta Comissão de Festas é constituído, como é tradição,

pelos irmãos Martins que com outros elementos levam a efeito a Festa da Padroeira Santa Marinha, em alternância com outra Comissão. De salientar o custo destas festividades que atingem valores que só com um espírito de bairrismo é possível uma comissão pôr em jogo. Por isso é de esperar uma resposta positiva das gentes de Forjães para as Festas de Santa Marinha do ano 1991 não desmereçam e continuem no nível das anteriores.

Património Cultural

3 — ESCOLAS PRIMÁRIAS RODRIGUES DE FARIA

Remonta ao ano de 1935 a inauguração da Escola Primária da vila de Forjães. Tal facto é confirmado pelo Livro de Registo dos visitantes, quando em 18 de Janeiro desse mesmo ano, o P.º Lopes Pedrosa aí coloca a primeira assinatura.

Seguem-se inúmeros visitantes provenientes das mais variadas localidades do país e dos mais variados estratos sociais, destacando-se, sem dúvida, os que por inerência de funções ou ligados à actividade educacional aí tinham que se deslocar. Mas, a provar a importância que este edifício tinha no contexto da educação portuguesa na década de quarenta, está a visita aí efectuada pelo Dr. Oliveira Salazar e de outras figuras gradas do Regime de então.

Anos andados a áurea que este edifício tinha como simbolo e modelo de um determinado tipo de ensino, não esmoreceu e a prová-lo estão as visitas efectuadas em 1982 pelo Primeiro-Ministro Pinto Balsemão, pelo cantor e fadista Carlos do Carmo e pelo primeiro presidente da Câmara eleito pós-25 de Abril, o Eng.º Alexandre Losa.

A construção desta escola deve-se à acção benemerencial de António Rodrigues de Faria, dono da Quinta de Curvos.

Este homem, que muito novo emigrara para o Brasil e de lá voltara com uma enorme fortuna, chega a Forjães, sua terra natal, onde adquire uma assinalável quantidade de bens. Pode-se dizer que a vida sócio-económica da freguesia, nos primeiros decénios do século vinte, gravitou à sua volta. É um homem poderoso, de enorme influência nos meios económicos nacionais, a ponto de ser visitado pelas altas esferas da governação de então. Mas é igualmente homem de acção e de benemerência.

Transforma a sua Quinta de Curvos num autêntico jardim onde as plantas tropicais se misturam com os mais raros espécimes da flora nacional; remodela a Igreja Paroquial e abre a primeira grande via que ligará desde então Forjães à vizinha freguesia de S. Paio de Antas e consequentemente à estrada nacional n.º 13 (Porto-Viana do Castelo).

Mas a grande obra esteve em dotar a sua freguesia de uma unidade de ensino digna dos seus conterrâneos mas, e sobretudo daquilo que ela personaliza — a Educação. Ele, como ninguém, sabia que a batalha do futuro se ganharia com o Ensino e a Cultura. Ele sabia que tanto ou mais importante que o pão que dava a ganhar, era a educação que venceria os caminhos do progresso.

Senhor de enorme fortuna, mas também homem de grandes horizontes, culto e sagaz, escolhe para a elaboração do projecto o melhor que havia então no campo da arquitectura. Embora a obra não esteja assinada e se desconheça o paradeiro do projecto da sua execução, as suas linhas e volumetria fazem pensar em Ventura Terra ou então em algum dos seus discípulos. Convirá referir que Ventura Terra é autor de alguns dos mais belos edifícios existentes na vila de Esposende e do magnífico templo de Santa Luzia em Viana do Castelo.

Seja a obra de Ventura Terra ou não — ele morre em 1919 mas é possível que tenha elaborado o projecto antes — o certo é que em termos estéticos resultou uma obra ímpar e tanto mais majestosa por surgir num meio rural de escassa projecção e para mais perdida entre os vinhedos e milheirais do litoral do Minho.

Mas Rodrigues de Faria sabia que uma Casa onde se ministra a Cultura tem de ter suportes pedagógicos. Nesta linha de acção equipa a Escola com tudo o que era necessário a um ensino de qualidade e que ia dos quadros pretos, às régua, mapas, globos terrestres, pesos e medidas, enfim a toda a panóplia necessária à aprendizagem das disciplinas práticas e teóricas. Mas essa acção ficaria incompleta se não fizéssemos referência ao mais importante espólio que a escola encerra — os seus painéis historiados.

Rodrigues de Faria chama Jorge Colaço, pintor e azulejador que ele conhecia das obras realizadas em S. Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. A sua missão era dotar as paredes das salas de aulas com enormes painéis que representam temas da História Nacional como a Tomada de Ceuta, a Batalha de Aljubarrota, o Adamastor, a descoberta do Brasil ou a chegada de Vasco da Gama a Calecute. A par deles, máximas, muito em voga na época, extraídas de pensamentos de Bossuet, Alexandre Herculano, Sidónio Pais, António Enes e Oliveira Salazar.

A Escola Primária Rodrigues de Faria é, em termos arquitectónicos, um edifício de dois pisos, localizado na confluência da estrada nacional (Barcelos-Viana do Castelo) com a estrada camarária Forjães-S. Paio de Antas, actual Avenida Santa Marinha.

O exterior, construído em pedra, está revestido a argamassa pintada onde sobressaem as ombreiras, as pi-

(Continua na 4.ª página)

«Construções Pavineiva, Limitada»

Maria do Céu Neiva Portela, Conservadora Destacada, CERTIFICA, que entre «PINHEIRO, ROCHA & REIS, LIMITADA», com sede no lugar de Cuturelas, freguesia de Neiva, concelho de Viana do Castelo; GIL MARTINS PINNEIRO, casado na comunhão geral com Celeste Marques de Almeida, residente no lugar de Infia, freguesia de Forjães, concelho de Esposende; MANUEL MEIRA DA ROCHA, casado na comunhão geral com Maria Vicente Torres, residente no lugar de Sedim de Cima, freguesia de Castelo do Neiva, concelho de Viana do Castelo; JOSÉ MEIRA DA ROCHA, casado na comunhão geral com Rosalina de Passos Saleiro, residentes no lugar de Moldes, freguesia de Castelo do Neiva e MANUEL JOAQUIM SOUSA OLIVEIRA REIS, casado na comunhão geral com Maria de Fátima Barros Afonso Carvalhido Reis, residente no lugar de Merouço, freguesia de Alvarães, ambos do concelho de Viana do Castelo, foi constituída a sociedade em epígrafe que se rege pelo seguinte contrato:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a firma «CONSTRUÇÕES PAVINEIVA, LIMITADA» e tem a sua sede no lugar de Infia, freguesia de Forjães, do concelho de Esposende.

SEGUNDO

A duração da sociedade é por tempo indeterminado e tem o seu início a partir do dia de hoje.

TERCEIRO

A sociedade poderá abrir filiais, sucursais ou agências em qualquer localidade do território nacional, e transferir a sua sede, dentro do concelho de Esposende e ou concelhos limítrofes, quando assim for deliberado em Assembleia Geral.

QUARTO

O seu objecto consiste na indústria de pavimentos pré-esforçados, fabrico de artefactos de cimento, construção civil e obras públicas, compra e venda de bens imóveis, urbanização de terrenos e a construção de prédios urbanos para exploração directa ou para venda na totalidade ou em fracções autónomas.

QUINTO

O capital social, realizado em dinheiro, é de VINTE MILHÕES DE ESCUDOS, correspondendo à soma de cinco quotas iguais de quatro milhões de escudos cada, uma de cada sócio.

PARÁGRAFO ÚNICO

Cada sócio realizou já cinquenta por cento do valor da sua quota, devendo os restantes cinquenta por cento serem realizados até ao dia trinta e um de Dezembro de mil novecentos e noventa e um.

SEXTO

Poderão ser exigidas aos só-

cios, na proporção das suas quotas e até ao montante de cem milhões de escudos, prestações suplementares de capital, sempre que, por deliberação da Assembleia Geral, tomada por unanimidade dos votos de todos os sócios, elas sejam reconhecidas como indispensáveis ao desenvolvimento dos negócios sociais.

SÉTIMO

A sessão e divisão de quotas entre os sócios é livre, mas a cessão a estranhos fica dependente do consentimento prévio da sociedade.

PARÁGRAFO PRIMEIRO

No caso de cessão a estranhos, é reservado o direito de preferência à sociedade, em primeiro lugar, e aos sócios, depois.

PARÁGRAFO SEGUNDO

Se mais de um sócio pretender preferir, a quota a ceder ser-lhes-á adjudicada na proporção das quotas que já lhes pertencem.

PARÁGRAFO TERCEIRO

O valor a pagar, para efeitos do exercício do direito de preferência, será o que se apurar, de acordo com o último balanço aprovado.

OITAVO

A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, é confiada a todos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme vier a ser deliberado em Assembleia Geral.

PARÁGRAFO PRIMEIRO

A sociedade obriga-se com a assinatura conjunta de três dos gerentes. Para os actos de mero expediente, basta a assinatura de qualquer um deles.

PARÁGRAFO SEGUNDO

Consideram-se incluídos nos poderes de gerência, os actos de compra e venda de veículos automóveis, bem como o arrendamento ou compra de quaisquer imóveis, para o exercício da actividade da sociedade.

PARÁGRAFO TERCEIRO

Qualquer dos sócios poderá delegar a favor de qualquer outro gerente da sociedade ou de pessoa cuja escolha obtenha a concordância dos demais sócios, os seus poderes de gerência, mediante procuração bastante.

PARÁGRAFO QUARTO

Os gerentes não poderão assinar, em nome da sociedade, letras de favor, fianças, abonações ou quaisquer outros documentos estranhos aos negócios sociais, sob pena de serem responsáveis, individualmente, pelas obrigações que assim contraírem e pelos prejuízos que causem à sociedade.

NONO

No caso de falecimento, interdição ou inabilitação de qualquer dos sócios, a sociedade continuará com os sobreviventes e com os representantes legais do incapaz ou com um dos herdeiros a nomear de entre estes, e que a todos represente na sociedade, enquanto a quota se mantiver indivisa.

PARÁGRAFO ÚNICO

No caso de os mesmos, depois de avisados pela sociedade, por carta registada com aviso de recepção, não procederem à nomeação, no prazo de noventa dias, a sociedade poderá amortizar ou adquirir a quota pelo valor apurado nos termos do parágrafo terceiro do artigo sétimo.

DÉCIMO

Dissolvendo-se a sociedade, serão liquidatários todos os sócios, que procederão à partilha como entre si acordarem. Se mais de um sócio pretender ficar com os haveres sociais, serão os mesmos licitados, verbalmente, entre os preferentes e adjudicados àquele que melhor preço e condições de pagamento oferecer.

DÉCIMO PRIMEIRO

Quando a lei não estabelecer outros prazos e formalidades especiais, as Assembleias Gerais serão convocadas por carta registada, dirigida aos sócios, com a antecedência mínima de quinze dias.

DÉCIMO SEGUNDO

A gerência fica desde já autorizada, nos termos da alínea b) do número quatro do artigo duzentos e dois do Código das Sociedades Comerciais, a efectuar levantamentos da conta aberta na Caixa Geral de Depósitos, em nome da sociedade, para fazer face a investimentos do activo immobilizado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

NUMERADAS DE FOLHAS UMA A FOLHAS CINCO.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos vinte e um dias do mês de Fevereiro de 1991.

A Conservadora Destacada

a) Maria do Céu Neiva Portela



LINO AZEVEDO ABREU

MEDIADOR DE SEGUROS

Experiência e dinamismo

FREIRIA — FORJÃES
ESPOSENDE — telf. 871457

É preciso ter pouca vergonha

«Na terra onde fores viver, faz como vires fazer»

«Fui a casa da minha vizinha envergonhei-me; vim para a minha, e governei-me»

A vergonha é o nosso calcanhar de Aquiles. Que é que nos chamam e o que é que chamam aos outros?

OS NOMES

No mapa dialectológico de Forjaes encontramos, de uma assentada quatro nomes: «neño», «peco», «ata» e «anjinho», todos denotando o envergonhado crónico. Há, ainda, o «murcao», o «boca-aberta», a «lesma é lambisgoia», o «monge e o bacoco», o «acanhado e o chocno», o «pastelão» — variante de «pastel» — e o «pachoco», o «macambúzio» e o «capisbacho», a «azemola», o «enrascado», o «pachá» (*), o «tonho», o «pannonho», o «pajanco» e o «cnochinnas». Um Joãozinho é um João sem rasgos e uma Mariazinha é uma Maria pequenina, já que os nomes com diminutivo são todos envergonhados. Eça de Queiros demonstra-o através do Eusébiozinho d'OS MAIAS, do Libaninho d'O CRIME DO PADRE AMARRO e do Teodorico d'A RELIQUIA. Almeida Garrett brinda-nos com a Joanhina nas VIAGENS NA MINHA TERRA.

Para este perfil, a Psicologia aparece-nos com o tímido, o complexado, o introvertido, o secundário, o traumatizado e tantos outros.

(*) — *Paxá era, na Turquia, um chefe militar acabrunhado. Na grafia o x evoluiu para ch, resultando daí o lexema pacha ao qual se juntou o sufixo ado, designativo de qualidade. Temos, assim, pachado versus despachado.*

TIQUES E HÁBITOS

O primeiro tique dos envergonhados consiste em refugiar a cabecinha no pescoço da mamã, quando esta quer que o filho bebé faça uma das muitas habilidades diante da vizinha. A mãe, desapontada, justifica-se com o clássico «Está estranho», jurando vingar-se daquela afronta do piolho.

Vem, em seguida, o não se olhar a(s) pessoa(s) nos olhos e o conseqüente olhar para o chão, o pôr o dedo pachorrento na boca, o bocejar, o cruzar eclesiasticamente os dedos e o fumar (60%). Juntem-se-lhes, ainda, 30% dos roedores de unhas e 86% dos mordiscadores dos lábios superior e inferior com a agravante de os rebentarem isolada ou alternadamente. A pastilha elástica e o cofiar o bigode são outros exemplos, bem como segurar repes de cabelo, ou, com ele, fazer tranças ou o abanar a cabeça para um dos la-

dos. Juntem-se, em seguida, as lentes de contacto e os casacos vermelhos, as barbas e os bigodes, os queixos nos polegares e os «alargares» dos membros, os óculos e o nariz e, outra vez os dedos, as mãos, a tensão arterial e as hemorroidas.

HÁBITOS — MECANISMOS DE DEFESA

Quando conversam, os acanhados concordam com o interlocutor, nas pausas que este faz para ganhar fôlego e continuar imparável através do *pois*, do *claro* e do *exacto*, embora os mais sonsos se limitem a fazer meneios afirmativos co ma cabeça.

Nas discotecas, os tímidos estão sempre de copo na mão.

Em qualquer sítio, os introvertidos riem-se muito, gargalham por tudo e por nada e sublinham, inclusivé, aquilo que dizem com risos em A ou em O.

Nunca se sabe quando os acabrunhados falam a sério ou a brincar e é muito frequente ver o pachoco ora cantar ora a assobiar, defendendo-se, como aqueles, e lutando, do mesmo modo, contra a sua maneira de ser.

Os calvos fazem um pastel de cabelo para tapar as calvas; os que têm cabelos brancos, pintam-nos; as caras encarquilhadas maquilham-se; as olheiras de noitada e os pés-de-galinha querem óculos de sol...

O outro dos hábitos dos «Eusébiozinhos» é a roupa nova, surgindo aqui, aquilo que se pode designar de *dificuldade através do problema*, visto que, com as novas fatiotas, os *inhos* não sabem como se hão-de pôr, como há-de ficar o casaco, onde se vão pôr as mãos, para que lado se inclina a gravata...

Os pastelões pobres que têm este hábito deparam, veja-se, com um terceiro obstáculo; precisam de se deslocar de motorizada, e esta necessidade desencadeia mais de cinquenta centímetros cúbicos de interrogações: levo capacete? não vou sujar as calças com óleo? levo a motorizada à festa? onde a vou esconder?

Quando se trata de fazer a corte (cortejar), os amedrontados começam, invariavelmente, por se fazerem amigos da vítima. Confiam no tempo e na não aparição de um qualquer descarado. Para se pegarem, pela primeira vez, na mão que já tarda, têm de se esperar pelo escuro da sala de cinema ou por um momento recatado, reme-

tendo esta atitude para a máxima de que TODO O EMBARAÇADO É ROMÂNTICO. (Em 62% dos casos, a outra mão cansa-se de esperar e, sem meias medidas agarra sofredamente na ingénua mão do conquistador humilde). E, ainda, o abatimento e a falta de coragem que originam o D.P.A. (Discurso Para o Ar) no qual o pseudoconquistador vai discorrendo uma lenga-lenga previamente decorada na véspera, enquanto que, sem olhar para a mulher fatal, centra o seu olhar algures no espaço. Estas estratégias são-lhes ditadas por incontáveis monólogos e pretendem demonstrar que o sucesso do engate reside na interminável espera e em impressionar favoravelmente o outro / a outra.

Falta referir o P.P.R. («Paleio Para Rir»). Com efeito, outro mecanismo de defesa é o sentido de humor (nos homens) e o facto das cordas vocais (nas mulheres) se ramificarem por braços, mãos e falange, falanginha, e falangeta...

OUTRAS REACÇÕES

Residem fundamentalmente, em 3 verbos; o verbo corar (eu coroo, tu atrapalhas-te, ele fica vermelho como um tomate), o verbo chorar — tipicamente feminino — e o terceiro e mais importante, quicá mais elucidativo, o verbo emudecer.

CONSEQUÊNCIAS

A vergonha não deixa trabalhar com eficácia nem estudar com concentração. Não permite estar à vontade. Proíbe ir dançar. Não tolera que se tirem as mãos dos bolsos. Não pactua com...

Éo país das frases na forma negativa, o continente da inoperância, o planeta da inépcia, o universo da tacanhez...

«Quem tem medo (vergonha), compra um cão».

«Quem tem vergonha, passa fome».

SÉRGIO CARVALHO

Garagem Vieira

Reparações de motorizadas

Telef. 871512
Largo da Feira
FORJAES
4740 ESPOSENDE

Assinai

«O Forjanense»

ACARF

Assembleia Geral Ordinária

Convocatória

Ao abrigo do disposto nos Estatutos da Associação, convoco uma ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA para o próximo dia 02 de Março de 1991, pelas 21,30 horas, a realizar na sede nova da Associação, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1 — Discussão e aprovação do relatório e contas do ano de 1990;
- 2 — Eleição dos novos Corpos Gerentes para o biénio 1991/1992;
- 3 — Discussão e aprovação do plano e orçamento para 1991;
- 4 — Outros assuntos de interesse para a Associação.

NOTA: As listas para os órgãos dirigentes deverão ser enviadas ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral, em carta registada, com oito dias de antecedência.

Forjães, 15 de Fevereiro de 1991.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Sílvio Azevedo Abreu

Património Cultural

(Continuação da 3.ª página)

lastras, as cornijas e os lintéis em granito trabalhado da região. O acesso ao piso superior faz-se através de uma escadaria, em granito com corrimão do mesmo material, que conduz a um alpendre coberto. Este, sustentado por quatro colunas providas de capitéis de tipo dórico, tem um gradeamento em balaústres de granito e um chão revestido a mármore multicolor onde o preto combina com o rosa e o branco.

O primeiro piso possui quatro salas de aula, uma sala de visitas e anexos. O piso inferior ou rés-do-chão, possui mais duas salas de aula, um salão de festas e um espaço interior onde as crianças podem acolher-se em dias de chuva.

Completa este conjunto um amplo recreio, murado, onde os alunos podem divertir-se e descontraírem-se sem sobressaltos.

Como todas as construções da época, a fraqueza está nos interiores. As divisões são em tabique argamassado tal como os tectos. É nestes tabiques que Jorge Colaço colocou os seus imponentes e magníficos painéis. A dificuldade está precisamente em os conservar.

Com mais de meio século de existência é natural que esta escola entre em degradação. As obras de manutenção não têm sido suficientes para salvar o edifício e o seu espólio de uma ruína mais ou menos anunciada.

Remodelada precisa ela de o ser e urgentemente, mas há trabalhos que têm de ser prioritários.

Precisa de uma nova cobertura para que as águas não se infiltrem pelas paredes. A continuar esta situação os painéis correm grave risco de descolarem e de, ao caírem, se partirem. É é tanto mais dramático quando esta obra ímpar de um dos mais brilhantes azulejadores portugueses pode sofrer mutilações por incúria ou falta de meios para salvaguardar o património nacional.

Independentemente da obra de arquitectura ser ou não insigne, são os azulejos que estão em grave risco de destruição pois precisam de ser protegidos bem como as paredes em que assentam. Se o conjunto de painéis da Estação de S. Bento, do Porto e do Palácio-Hotel do Buçaco são imponentes, este perdido numa pequena vila do litoral minhoto, não o é menos.

Para que tal não aconteça é necessária a boa vontade de todos, autarquias e governo central.

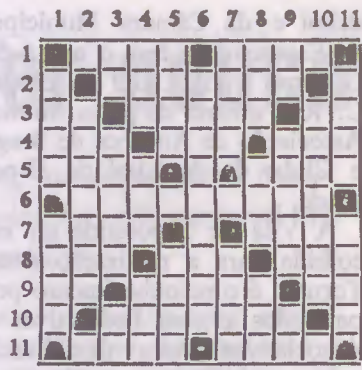
Se a Escola Primária de Forjães não for salva é mais um bocado do património nacional que desaparece ingloriamente.

Todos nós, Forjanenses ou simples cidadãos deste país, esperamos sinceramente que tal não venha a acontecer.

Carlos Alberto Brochado de Almeida

PALAVRAS CRUZADAS

Colaboração de:
Manuel António T. Jacques



HORIZONTAIS

- 1 — Glória; Género de plantas santaláceas.
- 2 — Irritado.
- 3 — Antigo Testamento; Detesta; Grito de dor.
- 4 — Raiva; Palavra composta da preposição (a) com o artigo (os); Vamos.
- 5 — Simples; Peixe da família dos escómbridas.
- 6 — Casa onde se guarda palha (pl.).
- 7 — Apropriado a; Adorno que o supremo sacerdote dos judeus punha ao peito quando tinha de consultar a Deus.
- 8 — Larva que se cria nas feridas dos animais; Constelação austral; Moedaem Macau e Timor.
- 9 — Cânhamo da Índia ou de Manila; Ornato de escultura; Artigo definido (pl.).
- 10 — Homem rico e bovino.
- 11 — Trabalho ou feitiço vazado ou escavado; Designativo de tudo ou todos.

- 6 — Tratado geométrico.
- 7 — O maior número; Burro.
- 8 — Partida; Sapo amazónico; Unidade prática de resistência eléctrica.
- 9 — Tristeza; Prendera; Contaço de (no).
- 10 — Que envolve alusão.
- 11 — Creditam; Corça grande da América.

Soluções do problema do n.º anterior:

HORIZONTAIS

- 1 — Florim; Tâmara.
- 2 — Ouvir; C; Rimas.
- 3 — Irar; Mãe; Mais.
- 4 — Cal; Mossa; Soa.
- 5 — És; Novatos; Sr..
- 6 — S; Maremotos; A.
- 7 — A; Carecos; A.
- 8 — Ave; Manas; Eva.
- 9 — Mito; T; Alar.
- 10 — Idem; E; Sara.
- 11 — Lar; Acima; Sam.
- 12 — Os; Aparina; Se.
- 13 — Amola.

VERTICAIS

VERTICAIS

- 1 — Filho de Adão; Leão americano.
- 2 — Subira.
- 3 — Gume; Caloiro; Batráquio.
- 4 — Antigo presidente da China; Remoinho na água; Do verbo fazer (1.ª pessoa sing.).
- 5 — Árvore euforbiácea do Brasil; Cofre.

- 1 — Foices; Amilo.
- 2 — Luras; Ávidas.
- 3 — Oval; M; Éter.
- 4 — Rir; Nac; Om; A.
- 5 — Ir; Moram; Apa.
- 6 — M; Movera; Cam.
- 7 — Casamenteiro.
- 8 — T; Estoca; Mil.
- 9 — Ar; Aotos; Ana.
- 10 — Mim; Sos; As; A.
- 11 — Amas; S; Elas.
- 12 — Raios; Avaras.
- 13 — A ssara; Arame.

Para a história de Forjães

Festa da árvore em Forjães

(Continuação da 1.ª página)

Presidente da Câmara que fez uma alocução ao acto.

Depois várias crianças recitaram poesias (O jogo do pião; Ir à escola; No dia do meu primeiro exame, etc.). Pelos meninos Albino Rodrigues da Costa Faria e Maria José de Barros Pinto Brochado foram lidos versos da autoria do Reverendo Gaspar Roriz intituladas «Diálogo para a Festa da Árvore» que terminava com as seguintes quadras:

Menina

E mais nada? Atende bem: Vê se no teu coração Não há o nome de'Allguém Que tem jus à gratidão.

Menino

Há sim! mas vamos dizê-lo Com gratidão e alegria: Esse nome, quereis sabê-lo? É o de Rodrigues de Faria.

Seguiu-se um Copo d'água que foi servido às crianças.

Todos os convidados foram para a Quinta de Curvos, então propriedade de Rodrigues de Faria, onde foi servido um importante banquete a cerca de 60 pessoas de entre os quais se podiam ver o Presidente da Câmara José da Silva Vieira, Firmino Loureiro, o escritor Manuel de Boaventura, o pintor João de Freitas, o poeta Alvaro Pinheiro, etc..

Curiosamente o banquete foi animado pela Banda de Música de Forjães.

Da Comunicação Social estavam presentes reporteres de «Vida Nova», «Minho», «Aurora do Lima», «O Século», «Notícias», «Janeiro» e «Comércio do Porto». (2).

(1) in «O Espozendense» de 24.12.1908

(2) in «O Espozendense» de 7.01.1909

Toponímia de Forjães

(Continuação da 2.ª página)

Rua do Agrelo — Transversal à rua da Freiria.

Rua de Conces — Sai da bifurcação da av. St.ª Marinha com a rua da Freiria até à rua P. Gomes Santos, pela casa do sr. José Afonso Ribeiro.

Rua Além do Ribeiro — Da av. St.ª Marinha até à rua de Pregais.

Rua Fonte de Valtim — Da rua de Além Ribeiro na direcção da casa do sr. Paulino Moura.

Rua de Pregais — Da rua do Além do Rio até à av. Rodrigues Faria.

Rua Joaquim A. Pinto Brochado — Da rua de Pregais até à rua P. Gomes dos Santos.

Rua da Galeva — Da av. do Cerqueiral até ao largo S. Roque.

Rua de Pinheiro — Da av. do Cerqueiral até ao largo S. Roque.

Rua dos Gameleiros — Da av. do Cerqueiral até à casa da tia Eufémia.

Rua Coto do Sino — Da av. do Cerqueiral na direcção do Monte.

Rua da Grangeira — Da av. do Cerqueiral na direcção do Monte.

Rua de S. Roque — Da av. do Cerqueiral até ao largo S. Roque.

Largo Souto S. Roque — Engloba toda a área do Souto S. Roque.

Rua do Souto das Merendas — Da av. do Cerqueiral até à rua S. Roque pela casa do Firo Jaques.

Rua da Poça — Da rua do Souto das Merendas até à rua S. Roque.

Rua do Pertigal — Da rua de S. Roque até ao extremo com Palme.

Rua José da Quinta — Do largo S. Roque à rua da Galega.

Rua da Costa — Do largo S. Roque até ao extremo com o lugar Brirães.

Rua da Pena Grande — Transversal da rua da Costa (Mouras).

Calçada de S. Roque — Da rua do Souto até ao largo de S. Roque.

Rua dos Cesteiros — Do Souto S. Roque à rua do Souto.

Rua do Souto — Da rua de Aldeia, Casa Jorge Araújo até ao extremo com Aldreu (Corga).

Rua da Aldeia — Da rua do Boucinho até à rua Cimo de Vila.

Rua do Boucinho — Da av. 30 de Junho até à rua de Aldeia.

Rua P. Pereira — Da rua do Souto até à rua Cimo de Vila.

Rua da Fonte Velha — Da rua da Aldeia — cruz — até à av. Rodrigues de Faria.

Rua Cimo de Vila — Da av. Rodrigues Faria até à rua da Aldeia.

Rua das Barreiras — Da av. Rodrigues Faria até à rua Cimo de Vila (entre Quinta Curvos e Quinta Peixoto).

Rua P Torres — Da rua do Boucinho até à rua da Fonte Velha.

Rua Altamira — Transversal

que liga a av. 30 Junho — rua P. Torres.

Rua da Seara — Da av. St.ª Marinha até à rua P. Gomes dos Santos.

Rua P. Gomes dos Santos — Da rua da Igreja até à rua dos Conces.

Rua dos Tresseleiros — Da rua P. Gomes dos Santos até à rua da Igreja.

Rua da Igreja — Da av. Rodrigues Faria até ao Adro.

Travessa da rua da Igreja — Transversal da rua da Igreja.

Rua P. Joaquim Lima — Da av. Rodrigues Faria até à av. St.ª Marinha.

Rua Manuel J. da Cruz — Da av. St.ª Marinha até à rua de Ramalde.

Rua Fonte dos Casainhos — Da av. Margarida Queiróz até à av. 30 Junho.

Rua dos Emigrantes — Lo-teamento junto à av. 30 Junho.

Rua Maria do Águeda — Transversal à rua Cimo de Vila.

Rua das Quintas — Da rua de Ramalde à rua da Ponte.

Rua da Fábrica — Transversal da av. da Infia.

Rua dos Ferreiros — Da rua Monte Branco à rua de Neiva.

Travessa da Santa — Transversal à rua da Santa até à casa do sr. António Marta.

Rua da Ribeira — Da rua da Pedreira ao rio Neiva.

Travessa da Pedreira — Da rua da Pedreira até à rua dos Escuteiros .

Desculpem!, Mas só estou a lembrar umas coisas!...

Por AGOSTINHO CARAMELO

Por ocasião da arrebanha de votos, os do partido Ó-Ai-ó-Linda percorreram aldeias, e... — — — — — Os outros só sabem prometer, mas quem cumpre somos nós!

Elementos do partido Ó-Vai-Com-Pau entraram nas aldeias: sim sim, mais sim, e... — — — — — Só connosco conseguirão tudo quanto desejam!

Os políticos embófiados do partido Ó-Vamos-Lá, também fizeram visitas, e... — — — — — Não se deixem levar pelos outros!: eles enganam. Somos o único partido com possibilidades para salvar as aldeias.

Os furiosos dum partido escangalhado desceram e subiram às aldeias esquecidas; gritaram Ó-Sim-ó-Racha, e... — — — — — Podemos cumprir as promessas feitas!, se todos votarem em nós. Somos os únicos!, os melhores para vos valer.

Rugiram os aapniguados do partido Ó-Cá-de-Escachas; prometeram mundos e fundos!, mais o inferno agastado!, e que... — — — — — Esta aldeia precisa de avançar! Nós somos o garante do progresso!, povo.

Os faz/desfaz do turbulento partido Ó-Trepa-Pra-Cima, chegaram, barulhavam, e... — — — — — Se formos Governo!, a incultura acaba!, e o lixo também!, e todos os benefícios chegarão depressinha às aldeias!

Também os do partido Ó-Iremos-Longe invadiram, fizeram, aconteceram, e... — — — — — Falar verdade! é só connosco; detestamos ou outros partidos mentirosos! Somos a vossa única salvação!, amigos.

Os politiqueros do movimento acelerado Ó-Vinde-à-Gente, mostraram farronca!, ao dizerem-se uns experts em politologia, e... — — — — — Quando chegarmos ao Governo!, garantimos!: Instrução e cultura substituirão a burrice!, nas aldeias.

Entre os políticos também há pulhíticos!, e pirolíticos!, e politicólogos!... E sempre pessoas à espera!...

Póvoa de Varzim, 24-1-1991.

Agostinho Caramelo

Centro de Apoio à Juventude criado para servir os jovens

O CAJ de Forjães, criado no início deste ano, tem vindo de dia para dia a aumentar o seu material informativo, com a finalidade de apoiar os jovens nas diversas áreas da sua vida. Assim, dispõe este Centro de Informação nas áreas do ensino, emprego e formação profissional, carreiras profissionais, associativismo, direitos e deveres dos jovens, tempos livres e férias (a nível nacional e estrangeiro). Neste último campo, refira-se o programa «Juventude para a Europa», na sua vertente dos intercâmbios. Existe um pedido de parceiro por parte da Associação Belga Vitamina Z — Haison de Jeunes de Wavre, para actividades na área musical, particularmente no Rock.

Dirige-te ao CAJ de Forjães, informa-te sobre estas iniciativas e poderás também adquirir a tua Euroagenda, o teu Credifone e o teu Cartão Jovem.

Pagamento de assinaturas

Será publicado no próximo número a conclusão do pagamento de assinaturas de «O Forjanense» no ano de 1990.